

# ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO ACOMPANHAMENTO À FAMÍLIAS DE PACIENTES DIAGNOSTICADOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NAS UNIDADES DE ATENÇÃO PRIMÁRIA DO BRASIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

*Data de aceite: 01/07/2024*

**Antônia Susy de Freitas Rufino**

Enfermeira, Faculdade do Planalto do Distrito Federal

**Juliana Lucindo da Rocha**

Enfermeira, Faculdade do Planalto do Distrito Federal

**Kleane Raiza Alves Fiusa**

Enfermeira, Faculdade do Planalto do Distrito Federal

**Leide Dayana da Silva Lima**

Enfermeira, Faculdade do Planalto do Distrito Federal

**Rosana Araujo Cavalcante**

Enfermeira, Faculdade do Planalto do Distrito Federal

**Vitória Lemos de Andrade**

Enfermeira, Faculdade do Planalto do Distrito Federal

**Kennedy Anderson Barros de Almeida**

Enfermeiro, docente do curso de Enfermagem da Faculdade do Planalto do Distrito Federal

**Francisca Vaneska Lima Nascimento**

Enfermeira, docente do curso de Enfermagem da Faculdade do Planalto do Distrito Federal

**RESUMO:** A constituição Federal de 1988 determina, em seu artigo 196, que a saúde é direito de todos e dever do Estado. Esta revisão integrativa tem como objetivo analisar a atuação do enfermeiro no acompanhamento às famílias de pacientes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas unidades de atenção primária do Brasil. A partir das etapas utilizadas na revisão, foram selecionados 12 artigos nas bases de dados Scielo, Lilacs, Pubmed e Medline, os quais compuseram os resultados da pesquisa. A análise dos resultados aponta para a importância da continuidade do cuidado, da orientação e do aconselhamento prestados pelos enfermeiros às famílias, visando garantir a integralidade do cuidado e contribuir para a qualidade de vida das pessoas com TEA e seus familiares. Além disso, foi destacada a necessidade de capacitação dos profissionais de saúde para atenderem com efetividade essa população específica e, de políticas públicas, que contemplem essa demanda. Esta pesquisa é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso e proporcionará incentivo a outros profissionais, visando a ampliação de pesquisas sobre a temática no campo de atuação da Enfermagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transtorno do Espectro Autista; Família; Enfermeiro.

# NURSES' ROLE IN THE FOLLOW-UP OF FAMILIES OF PATIENTS DIAGNOSED WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER IN PRIMARY CARE UNITS IN BRAZIL: AN INTEGRATIVE REVIEW

**ABSTRACT:** The Federal Constitution of 1988 determines, in its article 196, that health is a right of all and a duty of the State. This integrative review aims to analyze the role of nurses in monitoring the families of patients diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD) in primary care units in Brazil. Based on the steps used in the review, 12 articles were selected from the Scielo, Lilacs, Pubmed and Medline databases, which composed the results of the research. The analysis of the results points to the importance of continuity of care, guidance and counseling provided by nurses to families, aiming to ensure comprehensive care and contribute to the quality of life of people with ASD and their families. In addition, the need for training of health professionals to effectively serve this specific population was highlighted, as well as public policies that address this demand. This research is the result of the Course Completion Work will provide encouragement to other professionals, aiming at the expansion of research on the theme in the field of nursing.

**KEYWORDS:** Autism Spectrum Disorder; Family; Nurse.

## INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do desenvolvimento neurológico que prejudica as interações sociais, nas modalidades de comunicação e comportamento. De acordo com o relatório do Centro de Controle e Prevenção de Doença, o número de pessoas vivendo com TEA teve um aumento significativo nas últimas décadas. Em 2018, a estimativa de criança de 8 anos com esse transtorno era 1 a cada 54 (Santos, 2021).

A Enfermagem contribui no diagnóstico precoce do TEA infantil através de consultas de puericultura nas UBS, desse modo, essa temática têm alcançado grande relevância para a categoria, visto que o enfermeiro atua no acompanhamento das famílias, fazer encaminhamento ao médico, ou acionando atendimento às Redes de Atenção Psicossocial, se necessário. O enfermeiro que atua na Atenção Primária a Saúde (APS), deve ter conhecimento sobre TEA, para assim, poder oferecer total apoio à criança e à família e, com isso, ajudar o desenvolvimento da criança, tratamentos, terapia de estimulação, dentre outras contribuições em sua área de atuação (Pitz, 2021).

No entanto, um problema relacionado a esse tema abordado por Mapelli, *et al.* (2018) é que cada família possui necessidades particulares, onde as fragilidades a serem abarcadas relacionam-se a dinâmica familiar. Assim, é necessário compreender a família, sua estrutura e funcionamento, cabendo ao profissional descobrir através das consultas, narrativas e, principalmente, compreender o ambiente domiciliar.

Desse modo, justifica-se a importância desse tema não apenas para as próximas pesquisas, mas também como forma de influência para a capacitação de novos enfermeiros na assistência à criança com TEA e suas respectivas famílias tendo em vista que esse tema

ainda é um desafio em todos os âmbitos, bem como a dimensão do trabalho desenvolvido pelo enfermeiro na identificação precoce do TEA.

Consoante a isso, Silva (2022) afirma em seus estudos que o enfermeiro se torna parte essencial no cuidado à criança com TEA, dentro da APA, pois passa o acompanhar desde o pré-natal, observando e identificando de forma precoce alterações no desenvolvimento e comportamento do paciente e, a partir dessas características, o profissional pode solicitar encaminhamentos e prestar acompanhamento junto a equipe multidisciplinar (Silva, 2022).

Este trabalho possibilitará ampliar conhecimentos acerca da atuação do enfermeiro na atenção primária, através das consultas de puericultura, permitindo o reconhecimento precoce do TEA infantil, possibilitado por meio da escuta dos relatos e observações da família, o encaminhamento para seguimento de acompanhamento e tratamento dessas crianças (Barbosa, *et al.*, 2020).

A pesquisa teve como objetivo, analisar os principais estudos relacionados a atuação do enfermeiro no acompanhamento às famílias de pacientes diagnosticados com TEA nas unidades de atenção primária do Brasil, a partir da seguinte questão de pesquisa: Em famílias de crianças portadoras do Transtorno do Espectro Autista, como deve ocorrer o cuidado de Enfermagem no acompanhamento, comparado com o cuidado antes do diagnóstico, para um tratamento precoce?

## REFERENCIAL TEÓRICO

### **A atuação do enfermeiro no acompanhamento a família após o diagnóstico do TEA**

De todas as orientações e dos profissionais da saúde envolvidos no acompanhamento da criança com autismo, o enfermeiro é o profissional que possui mais sensibilidade para perceber os sinais e sintomas apresentado pelas crianças, pois de todos os profissionais envolvidos nesse processo ele é o primeiro contato e o que passa mais tempo com esse paciente, é ele que desempenha a função de mediador entre a família e outros profissionais da área (Araújo, *et al.*, 2019).

Em conformidade com Magalhães, *et al.* (2020), os profissionais de Enfermagem devem atentar-se às individualidades dessas pessoas, prescrever e implementar medidas que contribuam para proteção, promoção, recuperação e reabilitação da saúde do indivíduo, e suas respectivas necessidades, prestando assistência integral e de qualidade que atenda todas as demandas de cuidados as crianças portadoras de autismo e sua família, contribuindo para o fortalecimento e ampliação dos laços relacionais. O enfermeiro envolvido pela competência em cuidar do doente e da família, é um profissional capaz de se inserir no cuidado em domicílio contribuindo na organização e dinâmica familiar, já que pais orientados fazem maior diferença no desenvolvimento da criança.

Todavia, Corrêa, *et al.*, (2021), ressalta que seu estudo permitiu identificar no cotidiano do trabalho dos enfermeiros de Estratégia Saúde da Família (ESF), dificuldades para

conceituar o autismo e desconhecem os instrumentos precoces para TEA, nas consultas de puericultura. Ressaltou para a importância de os profissionais da saúde conhecerem sobre o transtorno e utilizarem os instrumentos de triagem precoce, oferecendo possibilidades e oportunidades para o estímulo, acompanhamento, tratamento e melhor desenvolvimento infantil através da assistência de enfermagem.

As crianças passam muito tempo da vida delas em casa com os pais, logo, é necessário orientar aos pais como estimular as crianças na realidade, ensinando a captarem a atenção da criança no dia a dia, gerando oportunidades de aprendizagem e de interações sociais importantes para o desenvolvimento delas, de modo que quando sabemos o que fazer para ajudar as crianças com autismo a se desenvolver, a angústia e a ansiedade diminuem, deixando claro a importância da aceitação (Gaiato, 2019).

## **A AÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE CUIDADOS AO PACIENTE COM TRANSTORNO DE ESPECTRO DO AUTISMO**

Corroborando com Flor (2023), o âmbito familiar é palco de relações e interações dinâmicas, nas quais todos os membros exercem influência mutuamente. No contexto do TEA, o conjunto de particularidades apresentadas por esta condição, promove na família, diante de suas restrições, a necessidade de edificar estratégias eficazes voltadas para adaptação a esta demanda singular, sempre visando atender às exigências da criança, tornando-se imprescindível investigar a percepção dos pais frente ao TEA, discernindo, se o enxergam, como um elemento restritivo ou com uma oportunidade para o desabrochar de competências

Sob o mesmo ponto de vista Mapelli *et al.*, (2018), destaca que o primeiro ambiente de socialização da criança é a família no seu contexto primário de cuidado; tendo a potencialidade de acolher suas necessidades, com vistas ao suporte e promoção de seu potencial de desenvolvimento.

Bonfim (2018), também ressaltou que o uso da musicoterapia é uma ferramenta que pode ser incrementada no tratamento de criança com autismo, pois age na socialização e interação, na comunicação e na linguagem, assim melhorando essas habilidades, a criança adquire mais independência dos seus cuidadores e diminui o isolamento social.

Considerando o nível de desenvolvimento diferente, de cada autista, Vianna *et al.* (2020), enfatizam que há tratamentos mais eficazes para uns, e menos para outros. Porém, é necessário um acompanhamento individualizado e contínuo para encontrar o tratamento mais adequado para cada caso. O autor ainda descreve diferentes tipos de tratamento dentre eles a terapia comportamental, terapia ocupacional, terapia da fala, terapia medicamentosa, entre outros. Os objetivos dos tratamentos nesse caso é melhorar a qualidade de vida das pessoas com esse diagnóstico, ajudando-os no seu desenvolvimento de habilidades social.

A família tem um papel importante na intervenção terapêutica de crianças com TEA transitar entre diversos cenários, constituindo-se como elemento-chave para a efetivação das terapêuticas propostas, onde vislumbram-se funções que variam desde a promoção de um ambiente propício para o desenvolvimento integral da criança, até o auxílio na consolidação das habilidades trabalhadas em sessões de terapias (Rosa, 2019).

De acordo com Silva (2022), a experiência cotidiana é rica em oportunidades de aprendizado, e, é nesse ambiente doméstico que a família atua como facilitadora da assimilação de competência por meio da interação lúdica, onde os familiares podem estimular a criança com TEA a aprimorar habilidades sociais e de comunicação, por meio de brincadeiras e atividades que demandem a interação e troca de experiências.

Visto que o lúdico tem um papel crucial no desenvolvimento cognitivo e psicomotor, o jogo simbólico, por exemplo, é uma poderosa ferramenta para o ensino de emoções e interações sociais complexas (Rosa, 2019).

É de responsabilidade da família, segundo Shaw (2021), a prática e o uso de habilidades adquiridas. Nesse sentido, os pais e irmãos têm um papel relevante, propiciando situações em que a criança possa exercitar, de forma natural, as habilidades desenvolvidas.

Já a cooperação e a colaboração entre terapeutas e família é, portanto, vital para garantir a continuidade e a coerência das intervenções, tanto no ambiente terapêutico quanto domiciliar (Flor, 2023).

Ressaltando que este papel transcende o cuidado cotidiano, assegurado a satisfação das necessidades básicas da criança e adentrando na delicada tarefa de auxiliar na construção de habilidades sociais, cognitivas e emocionais (Proença, *et al.*, 2021).

## **ESTRATÉGIAS PARA MELHORAR A QUALIDADE DOS CUIDADOS PRESTADOS AS FAMÍLIAS DE PACIENTES COM TEA**

Mapelli *et al.* (2018), tendo em vista que cada família possui necessidades particulares, onde as fragilidades a serem abarcadas relacionam-se a dinâmica familiar. É necessário compreender a família, sua estrutura e funcionamento, cabendo ao profissional descobrir, através das consultas, narrativas e principalmente, compreender no ambiente domiciliar, como ocorre a organização dessa família, suas relações e resiliência.

Já Hofzmann *et al.* (2019), aponta a tamanha importância que o conhecimento traz para a vida dos familiares e o bom prognóstico do autista. A informação precoce do que se trata o autismo e quais os sinais e sintomas tornariam o diagnóstico ainda mais precoce, potencializando o desenvolvimento da criança e tornado mais fácil aceitação e entendimento para os familiares.

Magalhães, *et al.* (2021), destaca que a falta de organização e conhecimento também estiveram presentes como queixas das cuidadoras. Ocorre que as famílias, após receberem o diagnóstico, muitas vezes não são bem instruídas com informações

sobre o TEA, assim como falta uma rede de apoio psicológico para elas, o que gera uma desestruturação familiar. Em alguns casos, a família também carece de conhecimento sobre os serviços disponíveis para as pessoas com TEA, tornando a adaptação a nova realidade complexa.

Conforme Barbosa *et al.* (2020), pais de crianças autista muitas vezes enfrentam na descoberta do transtorno o sofrimento psicológico, onde passam sentimento de tristeza, culpa e depressão, muitos não acreditam que isso está acontecendo com eles, a criança tão esperada com um transtorno que irá requerer total atenção e cuidado.

E ainda de acordo com os autores anteriores, o enfermeiro deverá assistir e se conscientizar dos sentimentos enfrentados pela família, mostrando que eles não são culpados pelo transtorno, e que são expostos a vivenciarem estresse, depressão, culpa e tristeza. Cabe ao profissional criar formas de implementação de melhor cuidado e tratamento da criança autista, encaminhando-os a uma equipe multiprofissional, conseguindo assim melhor assistência de forma humanizada e adquirindo a confiança da família e do autista.

Já Oliveira (2018), mostra que o desempenho dos enfermeiros frente a criança autista e sua família são essenciais, uma vez que eles têm um papel crucial, na aceitação e na orientação e apoio a família, é fundamental que o enfermeiro crie laços entre o indivíduo autista e sua família, demonstrando um olhar cuidadoso, sem preconceitos, e compreendendo as necessidades e os sofrimentos, considerando que na maioria das vezes haverá dificuldade em entender e dar assistência ao autista, cabendo ao enfermeiro criar cuidado e uma abordagem diferenciada.

Por meio da análise comportamental da criança, o enfermeiro pode contribuir no diagnóstico, através das consultas, observar o desenvolvimento da criança e levar informações aos pais quanto aos procedimentos de assistência (Pimenta, Amorim, 2021).

Ainda é pouco dito e abordado com menor intensidade os cuidados necessários sobre os pais e responsáveis, levando em consideração as dificuldades e desafios que enfrentam, não somente no que diz respeito ao olhar sobre sua criança, mas em especial sobre a saúde mental e responsabilidades atribuídas aos cuidadores (Barbosa *et al.*, 2020).

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma Revisão Integrativa da Literatura, que corresponde a um método de revisão, o qual permite a síntese de conhecimento por meio de processo sistemático e rigoroso, devendo pautar-se de rigor metodológico, a partir de seis etapas para seu desenvolvimento (Mendes, *et al.*, 2019).

A primeira etapa da revisão foi a elaboração da pergunta de pesquisa, a partir da delimitação do foco de interesse, utilizando o acrônimo PICO, que corresponde a população, intervenção, comparação e resultados, sendo (P) – Famílias de crianças portadoras do TEA, (I) – Cuidado de Enfermagem no acompanhamento dessas famílias, (C) – Cuidado

de Enfermagem antes do diagnóstico, e (O) – Tratamento precoce, assim, formulando a pergunta de pesquisa: Em famílias de crianças portadoras do Transtorno do Espectro Autista, como deve ocorrer o cuidado de Enfermagem no acompanhamento, comparado com o cuidado antes do diagnóstico, para um tratamento precoce?

A segunda etapa da revisão consistiu na busca e seleção dos estudos primários, sendo selecionado os critérios de inclusão e exclusão. Foram incluídos estudos originais completos, disponíveis na íntegra, que integrasse o objetivo do estudo. Foram excluídas cartas ao editor, editorial, artigos com resultados incompletos ou não disponibilizados gratuitamente, visto que a pesquisa não dispunha de incentivo financeiro. Para a formulação da estratégia de busca foram utilizados os descritores: Transtorno do Espectro Autista; Família; Enfermeiro, selecionados a partir do Descritores em Ciências da Saúde (DeCs). As bases de dados utilizadas na pesquisa foram: Pubmed, Scielo, Lilacs e Medline.

Na terceira etapa foi realizado a extração de dados dos estudos primários, por meio do software Intelligent Systematic Review (Rayyan), a partir da remoção de duplicatas, e aplicando os critérios de exclusão. Na quarta etapa foi realizado a avaliação crítica dos estudos primários, observando sobre o tipo de estudo e nível de evidência científica.

Na quinta etapa foi realizado a síntese dos resultados da revisão, sendo discutido as evidências e recomendações para a prática clínica. O sexto passo da revisão consistiu na apresentação dos resultados.

O estudo não pontuou marco temporal, visando o levantamento de uma maior abrangência de conhecimento. Este estudo não necessitou ser apreciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, pois não se trata de pesquisa com seres humanos.

## RESULTADOS

A fim de contribuir com as discussões sobre a temática, foi desenvolvido um quadro (1) contendo alguns artigos que serviram como base para evidenciar a discussão do trabalho. Torna-se importante salientar que na presente discussão existem outras pesquisas não citadas no quadro 1, que são fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa. Assim, no quadro abaixo, contém as informações resumidas como: autor, ano, objetivo, método e resultados.

AUTOR/ANO	OBJETIVO	METODOLOGIA	Conclusão
Anjos (2019)	Mostrar quais as ações de Enfermagem no acompanhamento de pacientes com Transtorno do Espectro Autista	Trata-se de uma revisão da literatura, com o objetivo de mostrar ações que podem ser desenvolvidas pelo profissional de Enfermagem no acompanhamento e reabilitação de pacientes com TEA.	Observou-se nas pesquisas realizadas, que é necessária uma ampliação da discussão sobre o tema e maiores investimentos por parte dos profissionais da área, bem como por parte dos gestores na implementação de ações que fomentem a participação do Enfermeiro nesse contexto de pacientes autistas, visando agregar valor e proporcionar aos pacientes acompanhamento e tratamento mais adequado e eficaz.
Antunes (2023)	Analisar o cuidado à criança com TEA na ESF e promover capacitação para as equipes	Trata-se de um estudo exploratório, descritivo e de intervenção com abordagem qualitativa. A pesquisa foi realizada no município de Jucurutu, Rio Grande do Norte que possui uma população estimada de 18.295 mil habitantes e 09 ESF vinculadas, sendo 04 na zona rural. Os participantes da pesquisa foram profissionais enfermeiros (as) e médicos (as) vinculados às equipes.	Observa-se que os profissionais da Estratégia Saúde da Família do município de Jucurutu referem pouca experiência na identificação precoce do TEA e no acompanhamento destas crianças pela ESF. Há necessidade de ações de educação permanente em saúde que possam contribuir para a qualificação do cuidado na APS, especialmente no tocante às crianças com TEA.
Araújo <i>et al.</i> (2019)	Caracteriza e analisa a linha de cuidado proposta e as abordagens terapêuticas recomendadas	Trata-se de uma revisão da literatura em diversas bases da área da saúde.	A análise permitiu verificar que os documentos reafirmam que pessoas com TEA são indivíduos com os mesmos direitos de pessoas com deficiência, seu cuidado deve ocorrer de maneira multidisciplinar pela Rede de Atenção Psicossocial, mas faltou clareza quanto aos critérios de escolha das abordagens terapêuticas e o local em que estas seriam oferecidas. Algumas implicações para o tratamento do TEA são discutidas.
Bonfim <i>et al.</i> (2023)	Sintetizar o cuidado prestado por profissionais de saúde, nos diferentes níveis de atenção, às famílias de crianças com Transtornos do Espectro Autista.	Estudo qualitativo, baseado no referencial teórico filosófico do Cuidado Centrado na Família, desenvolvido com 22 profissionais de três equipes multidisciplinares de serviços da Rede de Atenção à Saúde de um município do estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. Os dados foram coletados por meio de dois grupos focais com cada equipe, organizados com apoio do software Atlas.ti 8 Qualitative Data Analysis e submetidos à Análise Temática de Conteúdo.	Destaca-se a necessidade de rever o funcionamento e modo como a rede para o cuidado multiprofissional da criança e sua família está organizada. Recomenda-se a oferta de ações de educação permanente que contribuam com a qualificação das equipes multiprofissionais no cuidado às famílias de crianças no espectro do autismo.

<p>Efstratopoulou <i>et al.</i> (2022)</p>	<p>Investigou a relação entre habilidades de autorregulação e estresse parental em pais de crianças não-verbais com TEA.</p>	<p>O Parenting Stress Index-Short Form (PSI-SF) foi administrado a 75 famílias, e as pontuações de autorregulação em uma Lista de Verificação de Comportamento Motor para crianças (MBC) foram registradas pelos professores das turmas de alunos (nível de problemas funcionais-comportamentais). Além disso, foram realizadas entrevistas com um grupo focal de seis pais (quatro mães e dois pais) para explorar em profundidade os factores subjacentes ao stress parental.</p>	<p>O Enfermeiro pode contribuir para o desenvolvimento de estratégias para melhorar as habilidades de autorregulação em crianças não-verbais com TEA, o que pode ser particularmente importante na redução do estresse parental para famílias que têm crianças não-verbais com autismo e outras deficiências de desenvolvimento. Os estressores dos pais e as sugestões durante as entrevistas também são discutidos.</p>
<p>Freitas <i>et al.</i> (2023).</p>	<p>Identificar a atuação do enfermeiro da Atenção Primária à Saúde frente à criança com Transtorno do Espectro Autista.</p>	<p>Trata-se de uma revisão integrativa da literatura com abordagem qualitativa utilizando o Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), nas bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados de Enfermagem (BDENF), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e no Google Acadêmico, no período de 2012 a 2022.</p>	<p>A análise dos dados permitiu identificar que a atuação do enfermeiro da atenção primária à saúde tem um papel muito importante desde o diagnóstico inicial até ao acolhimento e acompanhamento familiar, porém ainda há ausência de conhecimento sobre o tema e para que a efetividade no atendimento seja relevante e necessária deve-se realizar educação continuada tanto para a sociedade quanto para os demais profissionais de saúde.</p>
<p>Hofzmann <i>et al.</i> (2019).</p>	<p>Conhecer a experiência dos familiares no convívio de crianças com TEA.</p>	<p>Pesquisa qualitativa, realizada através de Grupo Focal com familiares de oito crianças com diagnóstico de TEA. A coleta de dados ocorreu no mês de setembro de 2016, através de questões norteadoras discutidas no grupo.</p>	<p>A partir da análise dos dados surgiram três categorias: 'a descoberta do autismo'; 'experiências dos familiares após o diagnóstico de autismo' e 'atendimento em saúde da criança com autismo'. O autismo causa muitas adaptações, surgindo a necessidade do apoio dos profissionais de saúde no suporte dos cuidados prestado a estas crianças.</p>
<p>Maranhão <i>et al.</i> (2019)</p>	<p>Trata-se de um relato de experiência na área da saúde e educação, cujo objetivo é documentar e refletir a relação entre educação e trabalho interprofissional na atenção ao Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).</p>	<p>Pesquisa qualitativa no município de Macaíba, no Rio Grande do Norte, no Serviço de Atenção ao TEA (SATEA) está inserido no Sistema Único de Saúde (SUS) como referência ambulatorial para a atenção à saúde materno-infantil e para reabilitação auditiva, motora e intelectual.</p>	<p>O SATEA vem se constituindo como serviço de referência local ao atendimento de crianças com TEA. Muito deste reconhecimento advém de um trabalho pautado pela interprofissionalidade e pela construção de práticas colaborativas com as equipes locais de Estratégia de Saúde da Família. Esta experiência tem favorecido o acesso dos profissionais locais à educação permanente, reconhecendo-os enquanto agentes fundamentais para o aprendizado em serviço e para a legitimação do papel formador do SUS.</p>

Magalhães <i>et al.</i> (2020)	Analisar as evidências científicas sobre a assistência de Enfermagem à criança autista.	Revisão integrativa da literatura, realizada nas bases de dados: CINAHL, Web of Science e LILACS.	A enfermagem utiliza a empatia, visão holística e diferentes estratégias para o cuidado a criança autista, no entanto os profissionais referem dificuldades na prática clínica. As publicações sobre a temática são escassas sendo necessário o desenvolvimento de pesquisas clínicas.
Nascimento <i>et al.</i> (2018)	Identificar a atuação do enfermeiro da Estratégia Saúde da Família na detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista em crianças.	Pesquisa descritiva, exploratória, qualitativa realizada numa capital do Nordeste, Brasil. Participaram 10 enfermeiros efetivos, concursados e em exercício na Estratégia Saúde da Família.	Nesse contexto, estimular ações de educação permanente nos serviços voltados para sinais, sintomas e intervenções de crianças com TEA é essencial, principalmente aquelas que incentivem mudança de postura e de práticas de enfermagem na ESF. Desse modo, pode-se colaborar com a redução dos estigmas e com ações de promoção à saúde mental que transformem a atuação desses profissionais em relação ao TEA e favoreçam o melhor prognóstico à criança e ajuda aos familiares
Wilson; Peterson (2018)	Foi examinada a literatura que descreve experiências em ambientes de cuidados médicos a partir da perspectiva de pacientes menores de 18 anos com TEA e de seus cuidadores.	Uma revisão de escopo foi conduzida para examinar as experiências de crianças com TEA e suas famílias em ambientes de cuidados médicos. Vinte e nove estudos que atendem aos critérios de inclusão foram identificados e revisados.	As crianças com TEA e as suas famílias enfrentam muitos desafios enquanto recebem cuidados em ambientes médicos. A presente revisão identificou muitos desafios que as famílias enfrentam, bem como facilitadores de experiências positivas. Compreender as experiências únicas de pacientes com TEA e de seus pais ajudará a melhorar as experiências em ambientes de cuidados médicos para crianças, cuidadores e prestadores de cuidados de saúde.
Freire; Seize (2023)	Retrata através de uma revisão de literatura, como um membro que apresenta o Transtorno do espectro autista pode impactar na dinâmica e estrutura familiar, gerando sentimentos como: estresse, angústia, sensação de luto, dentre outras reações.	Revisão integrativa da literatura, realizada nas bases de dados: CINAHL, Web of Science e LILACS.	Os resultados das pesquisas apresentadas, foi de que os pais e os familiares são impactados pelas específicas características do Transtorno do Espectro Autista, precisando muitas vezes de apoio e suporte psicológico e social.

Quadro 1- Informações sobre os artigos

Fonte: Dados do Autor (2022).

## DISCUSSÕES

A seguir serão apresentados os tópicos delimitados para a condução da discussão deste estudo:

## IMPACTO DO DIAGNÓSTICO DA CRIANÇA COM TEA NA FAMÍLIA

O impacto do diagnóstico da criança com TEA na família foi o primeiro tópico abordado na presente discussão, inclusive se entende a relevância nos textos selecionados para o estudo em questão.

No que diz respeito ao impacto do diagnóstico da criança com TEA na família, Freire e Seize (2023), em um estudo que conduziram, observaram que isso pode desencadear uma série de emoções e desafios nos pais. Entre esses desafios, estão a diminuição da autoestima, sentimento de culpa, perda de confiança no futuro, aumento do estresse no relacionamento conjugal, episódios de ansiedade e pânico, dificuldades no sono e redução da renda familiar.

Quando se aborda a questão financeira, muitas vezes a família encontra a necessidade de alocar recursos financeiros para diversas terapias e, por vezes, para medicamentos destinados à criança afetada. Além disso, um dos parceiros costuma reduzir sua carga horária de trabalho ou até mesmo solicitar demissão do emprego para conseguir dedicar mais tempo e atenção ao cuidado dessa criança (Freire; Seize, 2023).

Ao analisar a atuação do enfermeiro no acompanhamento a família de pacientes que possuem TEA nas unidades de atenção primária no Brasil, é preciso primeiramente reforçar a importância da Estratégia de Saúde da Família (ESF), composta por uma equipe multiprofissional, que tem como objetivo oferecer assistência à saúde a uma população específica em região determinada.

Nesse contexto, as diretrizes do Ministério da Saúde para a reabilitação da pessoa com TEA promovem o projeto terapêutico singular como estratégia de cuidado e apoio às crianças com TEA e suas famílias. Essas diretrizes também incluem um fluxograma para orientar o atendimento na rede de saúde do SUS e recomendar o uso de ferramentas formais de triagem para detectar sinais de TEA (Nascimento *et al.*, 2018).

Seguindo o entendimento do autor citado anteriormente, ainda sobre o impacto do diagnóstico da criança com TEA na família, os enfermeiros também enfrentam desafios ao tentar identificar os serviços de referência para encaminhar as crianças quando a avaliação de outros profissionais de saúde é necessária, elas manifestaram o interesse em ter protocolos claros que descrevam a rede de atenção psicossocial do SUS ou organogramas que indiquem para onde encaminhar os casos.

## O PAPEL DO ENFERMEIRO NA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR DE SAÚDE

Em trabalho desenvolvido por Carvalho *et al.* (2021) identificou-se que o enfermeiro desempenha um papel crucial como membro dessa equipe, contribuindo para a realização de alguns dos princípios fundamentais do Sistema Único de Saúde (SUS), já que é de responsabilidade desse profissional realizar consultas de enfermagem e avaliar o estado de saúde de cada usuário.

No contexto da equipe multidisciplinar de saúde, Magalhães *et al.* (2020) cita que o diagnóstico precoce do autismo é de extrema importância, e a identificação dos sintomas manifestados por crianças com autismo é fundamental para isso, já que geralmente, essas manifestações clínicas são reconhecidas pelos pais, cuidadores e familiares que observam padrões de comportamento característicos do autismo, dada a singularidade das necessidades dessas crianças.

Em outro estudo, Maranhão *et al.* (2019) destaca que, por vários motivos, as iniciativas governamentais específicas para o acolhimento de pessoas com diagnóstico de autismo se desenvolveram tardiamente no Brasil, pois, até o início do século XXI, quando surgiu uma política pública de saúde mental para crianças e adolescentes, essa população recebia atendimento principalmente em instituições filantrópicas, como a Associação Pestalozzi e a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAIE), ou em organizações não governamentais.

Em detrimento disso, pode-se dizer que um dos principais objetivos dos sistemas de saúde é alcançar a cobertura universal de saúde e o acesso universal à saúde, com destaque para a ampla acessibilidade à Atenção Primária à Saúde. Isso se baseia na ideia de que todas as pessoas e comunidades devem ter igualdade de acesso a serviços de saúde de qualidade ao longo de suas vidas.

## **A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO ACOMPANHAMENTO A FAMÍLIA DE PACIENTES DIAGNOSTICADOS COM TEA**

A atuação do enfermeiro no acompanhamento da família de crianças com TEA é de extrema importância, pois ajuda a reduzir o estresse, melhora a qualidade de vida da família e promove o desenvolvimento saudável e o bem-estar da criança com TEA. Além disso, o enfermeiro desempenha um papel fundamental na coordenação de cuidados entre a equipe multidisciplinar, garantindo uma abordagem integrada e centrada na criança.

Em estudo conduzido por Bonfim *et al.* (2023) concluíram que os enfermeiros desempenham um papel fundamental na oferta de cuidados na APS, contribuindo para a melhoria dos indicadores de saúde, como a redução da morbimortalidade, através de ações de promoção da saúde, prevenção de doenças, tratamento, reabilitação e cuidados paliativos.

No que diz respeito às famílias de crianças em risco de TEA, a Atenção Básica deve ser sua primeira fonte de apoio em relação aos cuidados básicos de saúde, diagnóstico, prevenção de complicações e reabilitação. Logo, é crucial que haja uma cooperação institucional eficaz entre diferentes pontos de atendimento para evitar que as famílias tenham que procurar isoladamente outros serviços de saúde quando necessário (Efstratopoulou *et al.*, 2022).

Wilson e Peterson (2018) explicam que a atuação do enfermeiro no acompanhamento das famílias de pacientes relatados com TEA nas unidades de Atenção Primária no Brasil desempenha um papel crucial no suporte e cuidado integral dessas famílias, pois, auxilia na identificação precoce de sinais durante as consultas de rotina.

Dessa forma, ao estar atento a esses sinais e sintomas, o enfermeiro pode encaminhar a criança para avaliações mais específicas e diagnóstico preciso, o que é essencial para iniciar intervenções terapêuticas precoces. Além disso, o enfermeiro atua como um elo entre a família e a rede de serviços de saúde, proporcionando orientação e apoio emocional aos pais e cuidadores (Anjos, 2019).

Ainda segundo Anjos (2019) o diagnóstico de TEA frequentemente traz incertezas, preocupações e dúvidas às famílias, e o enfermeiro pode oferecer informações claras sobre o transtorno, tratamentos disponíveis e recursos de apoio na comunidade, isso ajuda a aliviar o estresse e a ansiedade das famílias durante o processo de diagnóstico e tratamento.

De acordo com Freitas *et al.* (2023) é na Atenção Primária que o enfermeiro também desempenha um papel na cooperação dos cuidados de saúde da criança com TEA, isso envolve o acompanhamento regular do desenvolvimento da criança, o monitoramento de comorbidades e a garantia de que o plano de tratamento seja acompanhado adequadamente. Além disso, o enfermeiro pode auxiliar de forma cooperativa os serviços de reabilitação, terapias e apoio psicossocial, garantindo que a criança e sua família recebam o suporte necessário.

Um estudo realizado no Brasil por Hofzmann *et al.* (2019) que investigou a experiência das famílias que convivem com crianças com TEA, destacou a ausência de enfermeiros em todas as etapas do cuidado dessas crianças no SUS, desde a triagem até o acompanhamento pós-diagnóstico. Os autores desse estudo atribuíram parte da falta de participação dos enfermeiros nesse processo à falta de conhecimento sobre o autismo por esses profissionais e a falta de investimento em programas de educação continuada para equipes de saúde nas Unidades Básicas de Saúde.

Antunes (2023) conclui no seu estudo que o enfermeiro nas unidades de APS no Brasil também pode se envolver na educação das famílias sobre estratégias de cuidado em casa, promovendo a autonomia dos pais no manejo das necessidades específicas de seus filhos com TEA, isso pode incluir orientações sobre comunicação, alimentação, higiene e outras atividades diárias.

Além disso, o enfermeiro desempenha um papel fundamental na promoção de práticas de cuidado centradas na família, registrando as necessidades individuais de cada família e adaptando os cuidados de acordo com suas situações únicas. Isso contribui para a melhoria da qualidade de vida das crianças com TEA e suas famílias (Araújo *et al.*, 2019).

Ainda sobre o assunto, em estudos envolvendo enfermeiros conscientes da importância de suas funções na triagem de TEA, esses profissionais expressaram o desejo

de contar com protocolos e fluxogramas que facilitam a avaliação de indicadores do TEA e o acompanhamento das crianças na rede de saúde (Corrêa, Gallina, Schultz, 2021; Nascimento *et al.*, 2018).

A falta de confiança dos enfermeiros, que se sentem pouco preparados para identificar as primeiras declarações de TEA causam atrasos no encaminhamento das crianças a especialistas para a realização do diagnóstico. Esses atrasos, por sua vez, retardam as intervenções terapêuticas que tendem a ser mais eficazes em idades mais precoces, o que compromete a saúde das crianças e causa frustração entre os profissionais (Soeltl, Fernandes, Camillo, 2021).

Portanto, a atuação do enfermeiro nas unidades de Atenção Primária do Brasil em relação ao acompanhamento das famílias de pacientes com TEA é fundamental para garantir o diagnóstico precoce, coordenar os cuidados de saúde, oferecer apoio emocional e educacional, promover a autonomia das famílias e melhorar a qualidade de vida de todos os envolvidos nesse processo desafiador, mas recompensador.

Em análises ainda mais aprofundadas relacionadas a capacitação, autores discutiam a necessidade de se investir no conhecimento sobre o tema, pois o profissional enfermeiro pode contribuir no tratamento junto a equipe especializada na área, qualificando os cuidados na atenção primária.

## CONCLUSÃO

A pesquisa desenvolvida observou a importância do elo entre o enfermeiro e as famílias de pacientes com TEA na atenção primária, e como se dá a conduta do profissional após o diagnóstico precoce onde a maioria dessas famílias não está preparada para lidar com toda essa conjuntura, e é através desse contato mútuo que as intervenções de enfermagem podem de forma mais concisa serem executadas, junto com toda a equipe multidisciplinar.

Com isso foi possível constatar que o enfermeiro capacitado para atender crianças com TEA, facilita o caminho das famílias que buscam por um diagnóstico ou um bom tratamento, já que o primeiro contato acontece com esses profissionais na APS.

Nesse sentido, observou-se na pesquisa realizada que as famílias de pacientes com o espectro, ao receberem o diagnóstico, não sofrem impacto apenas na saúde, mas também na área financeira, os pais e responsáveis são obrigados a mudar a rotina, tendo que se adaptar com atividades compartilhadas, idas para consultas e a novas regras dentro de casa para benefício da criança, o que gera cansaço e estresse psicológico, a renda familiar também é afetada devido a demanda com consultas e tratamentos, e a possível saída do emprego para cuidar da criança.

O estudo identificou a importância do enfermeiro na assistência a essas famílias na condição de educador, promovendo estratégias de acordo com a necessidade de cada

família e respeitando a individualidade do paciente com o transtorno, monitorando seu desenvolvimento nas consultas fazendo uso da caderneta e sendo capaz de produzir as devidas orientações.

Desse modo, conclui-se que esse estudo contribuirá para novos trabalhos relacionados ao tema, tendo em vista sua importância na literatura científica podendo incentivar na qualificação de novos enfermeiros, na conduta de pacientes com o transtorno do espectro autista e com estratégias educativas orientando seus familiares e responsáveis.

Diante de tais considerações, recomenda-se para trabalhos futuros um maior aprofundamento sobre o investimento de enfermeiros em conhecimento sobre a relação autismo, família e enfermagem, visando ampliar o número de acervo em relação a temática, possibilitando e incentivando a qualificação de novos profissionais.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, M. F. S. Ações de enfermagem no acompanhamento de pacientes com transtorno de espectro autista. **Disponível em:** <https://dspace.uniceplac.edu.br/bitstream>. Acesso em: 10 set. 2023.

ARAUJO, C. M., *et al.* O papel do enfermeiro na assistência à criança autista. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**. v. 1, n. 3, p. 31-5, 2019.

ANTUNES, M. M. Atenção à criança com transtorno do espectro autista na estratégia saúde da família: análise do cuidado e capacitação das equipes. Mestrado (Mestrado Profissional em Saúde da Família) – **Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, Natal, 2023.

BARBOSA, M. B. T.; JULIÃO, I. H. T.; SOUSA, A. K. C. Atuação dos profissionais enfermeiros no transtorno do espectro autista, 2020.

BONFIM, T. A. Vivências familiares na descoberta do Transtorno do Espectro Autista: implicações para a enfermagem familiar. **Reben**, v. 73, n. 6, 2018.

BONFIM, T. A.; GIACON-ARRUDA, B. C. C.; GALERA, S. A. F.; TESTON, E. F.; DO NASCIMENTO, F. G. P.; MARCHETI, M. A. Assistance to families of children with autism spectrum disorders: Perceptions of the multiprofessional team. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. v. 31, p. e3780, 2023.

CARVALHO, R. R. C. S. *et al.* Transtorno do espectro autista em crianças: desafios para a enfermagem na atenção básica à saúde. **Editora Epitaya: Rio de Janeiro**, 2021.

CORRÊA, I. S., *et al.* Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de Puericultura: conhecimento das enfermeiras. **Revista Atenção Primária à Saúde**. v. 24, n. 2, p. 282-95, 2021.

EFSTRATOPOULOU, M.; SOFOLOGI M; GIANNOGLOU, S.; BONTI, E. Parental Sith Children with Autism Spectrum Disorder (ASD). **J Intell**. v. 10, n. 1, p. 4, 2022. <https://doi.org/10.3390/jintelligence10010004>

FLOR, L. B. S. Conhecimento do enfermeiro da estratégia de saúde da família acerca do diagnóstico precoce do autismo. Trabalho de Conclusão de Curso. **Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, 2023.

FREIRE, D. M. C.; SEIZE, M. M. O impacto do autismo na dinâmica familiar. **Ciências da Saúde, Ciências Humanas**, v. 19, n. 3, p. 20-24, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.7612702.

FREITAS, S. C. D. *et al.* Atuação do enfermeiro da atenção primária à saúde frente à criança com transtorno do espectro autista. **Journal of Development**, Curitiba, v.9, n.5, p. 17583-17598, 2023.

GAIATO, M. S.O.S autismo: guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista. **São Paulo**, p.110, 2019.

HOFZMANN, R. R., *et al.* Experiência dos familiares no convívio de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Enfermagem em Foco**, v. 10, n. 2 p.64-69, 2019.

MAGALHÃES, J. M. *et al.* Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. **Enfermeira Global**. v. 15, n. 2, p. 10-19, 2020.

MAGALHÃES, J., *et al.* Vivências de familiares de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 42, p. e20200437, 2021.

MAPELLI, L. D; *et al.* Criança com Transtorno do Espectro Autista: cuidado na perspectiva familiar. **Escola Anna Nery**. V. 22, n. 4. p. e20180116, 2018.

MARANHÃO, S. *et al.* Educação e Trabalho Interprofissional na Atenção ao Transtorno do Espectro do Autismo: Uma Necessidade para a Integralidade do Cuidado no SUS. **Revista Contexto & Saúde**, v. 19, n. 37, p. 59-68, 2019.

NASCIMENTO, Y. C. M. L., *et al.* Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia de saúde da família. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 32, n. 3, p. 10-13, 2018.

OLIVEIRA, H. S. Atuação do enfermeiro no cuidado à criança com transtorno do espectro autista: revisão integrativa da literatura. **Preserva acessar & difundir**, 2018

PIMENTA, C. G. S.; AMORIM, A. C. S. Atenção e Cuidado de Enfermagem às Crianças Portadoras do Transtorno do Espectro Autista e seus Familiares. **Ensaio e Ciência**. V. 25, n. 3, p. 381-389, 2021.

PITZ, I. S. C; GALLINA, F; SCHULTZ, L. F. Indicadores para rastreamento do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras. **Revista de APS**. v. 4, n. 2, p. 282-295, 2021.

PROENÇA, M. F. R.; SOUSA, N. D. S.; SILVA, B. R. Autismo: classificação e o convívio familiar e social. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 4, n. 8, p. 221-231, 2021.

ROSA, R. Experiência dos familiares no convívio de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Enfermagem em foco**, v. 10, n. 2, 2019.

SANTOS, R. C. Aumento de prevalência de Autismo: 1 a cada 44 crianças. **Observatório Autista®**, 2021. **[Internet]**. Disponível em: <https://observatoriodoautista.com.br/2021/12/08/aumento-de-prevalencia-de-autismo-1-a-cada-44-criancas>.

SILVA, J. A. M.; LEITE, D. S. A Inclusão de crianças com autismo na educação infantil. **Revista Científica Multidisciplinar**. v. 3, n. 10, 2022.

SSHAW, G. S. L. Relação entre família, escola, especialistas e o desenvolvimento de pessoas autistas. **Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade**, v. 8, n. 16, p. 183-201, 2021.

VIANA, A. L. O., *et al.* Práticas complementares ao transtorno do espectro autista infantil: revisão integrativa da literatura. **Enfermagem em Foco**, v. 11, n. 6, 2020.